

Aconselhamento pastoral e diversidade sexual

Maria Cristina S. Furtado, PUC-RIO¹

Embora os estudos mais recentes das ciências afirmarem que a homossexualidade não é doença ou desvio, e o avanço da hermenêutica bíblica trazer luzes novas nesta direção, as igrejas cristãs oficialmente continuam aceitando **apenas** as visões tradicionais, com algumas igrejas incentivando as ‘terapias de cura’. Somente as Igrejas cristãs inclusivas, parte da Igreja Anglicana e alguns grupos isolados em diversas denominações cristãs, inclusive na Igreja Católica, têm realizado um trabalho pastoral de respeito e aceitação da homossexualidade conjugado à vivência da fé cristã. No entanto, cada vez mais a população LGBT e suas famílias procuram no aconselhamento pastoral auxílio para a possibilidade de unir identidade, sexualidade e a fé cristã, mas com frequência saem desorientados, pois se deparam com um clero despreparado, preconceituoso e preso às orientações hierárquicas da sua Igreja, com justificativas não convincentes. **Nesta comunicação, procurarei trazer a antropologia filosófica de Emanuel Lévinas através as reflexões teológicas de Luis Carlos Susin, procurando mostrar o que pode se esconder** por trás das reações pessoais e institucionais às novas identidade, e a possibilidade de transformação através da ética levinasiana, de modo que venhamos a ter o reconhecimento da alteridade do ‘outro’, e um aconselhamento pastoral que parta da ‘escuta’ e ‘singularidade’, para que com base no amor incondicional de Deus possa auxiliar na reintegração da identidade daquel@ que procura ajuda, no âmbito pessoal, social e familiar.

Introdução:

A palavra ‘homossexualidade’, na contemporaneidade, continua gerando preconceitos, e ‘assusta’ professores, religiosos e profissionais da área da saúde e das ciências sociais, além de ‘apavorar’ pai, mãe e @²s própri@s homossexuais, que pouco ou nada conhecem sobre o tema, já que este não se encontrava, e ainda não se encontra, de modo geral, no programa curricular das faculdades dos cursos de pedagogia, psicologia, teologia, sociologia, etc. Além disso, este tema continua proibido para debate na grande maioria dos colégios, principalmente os particulares, tanto nos cursos fundamentais I e II, como no Ensino Médio. Proibição também nos ‘grupos jovens’, e demais pastorais das

¹ Bolsista CNPQ. Teóloga e psicóloga, finalizando o Mestrado em Teologia na PUC-RIO (orientadora: Prof. Dra. Maria Clara Bingemer). - Professora do Curso Diversidade sexual - cidadania e fé cristã no Centro Loyola de Fé e Cultura da PUC-RIO. - Membro do Grupo de pesquisa Diversidade sexual - cidadania e religião da PUC-RIO, coordenado pelo Prof. Dr. Pe. Luis Correia Lima. - Realiza um trabalho psicoteológico-pastoral com gays, lésbicas e suas famílias. - Artigos e contatos: www.diversidadeci.darelipucurio.com.br e mcristinafurtado@hotmail.com)

² Símbolo usado para representar que aquela palavra representa o masculino quanto o feminino.

igrejas. Entretanto, sem nenhuma proibição, em todos os lugares continuamos ouvindo piadas desrespeitosas aos homossexuais, e muitas vezes, ataques ostensivos, impiedosos e constantes nos púlpitos das igrejas ou nos programas televisivos religiosos³, uma violência que motiva direta ou indiretamente o conhecido e perigoso ‘bullying’.

Termo sem equivalência em português, é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, de forma velada ou explícita, adotada por um ou mais indivíduos contra outro(os), causando dor, angústia e sofrimento. Está presente na família, na escola, no trabalho, na comunidade. Mas é na escola e no trabalho que o fenômeno bullying se revela, se acentua e marca de forma indelével a alma do indivíduo, aterrorizando-o e levando-o a reações desesperadas, podendo chegar até o suicídio. (Cleo Fante, 2005).

A mídia em algumas reportagens ou nas novelas, na atualidade, procura mostrar uma nova geração mais tolerante que não se importa com a orientação sexual de seu colega ou de sua colega, tentando passar a imagem de homossexual como uma pessoa qualquer, sendo aceita pelas famílias e amigos, mas as pesquisas apontam em outra direção, mostrando que há forte rejeição da homossexualidade nas próprias famílias, nas igrejas, e nas escolas, onde jovens sofrem ‘bullying’, muitos chegando a abandonar a escola e as comunidades religiosas que frequentam.

Uma das mais dolorosas violências contra os homossexuais se encontra nas igrejas, onde o jovem já atingido pela família, sociedade, etc, procura socorro, apoio, e não só vê através da televisão, ou em pregações constantes de pessoas do clero, que acreditam ter proximidade com Deus, ataques nos quais recebe o rótulo de abomináveis, etc, precisando, na própria igreja que frequenta, esconder sua orientação sexual para não sofrer discriminação e quando procura um aconselhamento pastoral, as orientações são divergentes, dependendo do padre ou do pastor que dê o aconselhamento. Uns seguem as orientações oficiais da igreja, que de modo geral condenam, consideram os homossexuais em ‘pecado’ por serem condenados na Bíblia, ou por atentarem contra a moral ou contra a lei natural, e propõem tratamento psicológico de ‘cura’. Outros em nome da misericórdia os aceitam desde que este não viva sua homossexualidade, ainda outros sugerem que o jovem viva a sua sexualidade longe da comunidade, ou a esconda da comunidade religiosa.

³ Cito em especial, programas do Pastor Mafalaia.

Preocupados com as conseqüências causadas pela discriminação e violência social, psicológica e física que a população LGBT sofre no Brasil, e procurando amenizar a lacuna curricular dos cursos de formação, o Ministério de Educação junto com outras secretarias ministeriais, e as universidades federais brasileiras vêm promovendo pesquisas multidisciplinares sobre o tema, realizando congressos, seminários e cursos à distância e presenciais para professor@s de escolas municipais e estaduais, a fim de atualizá-l@s sobre esta temática; e desde 2009 já existe o Plano Nacional de Promoção de cidadania e direitos humanos e LGBT, gerenciado pelo governo federal e representado pela sociedade através secretarias estaduais e municipais. Partilhando as mesmas preocupações surgem os núcleos de estudos em algumas universidades particulares envolver professores e alunos da própria universidade, e de outras, no conhecimento e trabalhos em relação à diversidade sexual.⁴ Mas, e dentro das igrejas cristãs, o que está sendo feito?

Somente as Igrejas cristãs inclusivas fazem um trabalho inovador, no qual qualquer pessoa LGBT e suas famílias sentem-se incluídas e incentivadas a viverem plenamente sua sexualidade e a sua fé cristã; parte da Igreja Anglicana também trabalha neste sentido,⁵ e alguns grupos isolados em diversas denominações cristãs, e na igreja católica têm procurado realizar um trabalho pastoral de respeito e aceitação da homossexualidade conjugado à vivência da fé cristã.

Homofobia

Ao tratarmos da violência que sofre @ homossexual, não podemos deixar de nos referir aos atos discriminatórios provocados pela homofobia.⁶ Neste trabalho vou usar o

⁴ Cito como exemplo, o Núcleo de estudos de Gênero da EST de São Leopoldo, RS que abrange a diversidade sexual em suas pesquisas e congressos; e o grupo de pesquisa Diversidade Sexual, Religião e Cidadania da PUC do Rio de Janeiro, RJ, do qual faço parte, coordenado pelo Prof. Dr. Pe. Luis Correa Lima, e oriundo da união de professores e alunos para promover pesquisas e eventos acadêmicos sobre este tema. Este grupo tem expandido seus trabalhos disponibilizando suas pesquisas online, realizando palestras em escolas, clínicas e em centros religiosos; orientando famílias e homossexuais que procuram o grupo; e proferindo cursos sobre Diversidade Sexual no Centro Loyola de Fé e Cultura da PUC-RIO.

⁵ Cito Gene Robson que mesmo após se revelar gay foi aceito como bispo por sua comunidade e parte da igreja anglicana.

⁶ Este termo significa ódio, aversão ou discriminação tanto aos homossexuais como às outras manifestações da sexualidade que foge a hegemonia. Devido ao termo fobia remeter a patologização e a problemas psicológicos, muitos pesquisadores dizem que a palavra pode comprometer o entendimento social e coletivo do problema que causa, e preferem usar 'heterossexismo'..

temo ‘homofobia’ para todas as formas de desqualificação e violências dirigidas aos que não correspondem ao ideal normativo de sexualidade.

Homofobia e cultura

Em 1975 começou na sociedade ocidental o reconhecimento pelas ciências médicas de que a homossexualidade não é ‘doença, perversão, ou qualquer outro tipo de desvio’, mas somente ‘uma variação da sexualidade’. A partir daí as ciências, de modo geral, vêm procurando desfazer o enorme mal que o diagnóstico no qual patologizava a homossexualidade fez aos/às homossexuais, e têm afirmado em grande número de congressos, revistas científicas, e cursos destinados à área de saúde que o conceito de homossexualidade é ‘cultural’. Mas a aceitação da normalidade da diversidade sexual tem esbarrado na visão negativa construída por séculos, entre elas: às interpretações literais bíblicas e os discursos religiosos, os interesses sóciopolítico-econômicos e culturais da sociedade, a ‘criminalização’ da prática da sodomia⁷, a ‘patologização’ do homossexual no passado, além das causas subjetivas. Junte-se a essas causas as formas como @s homossexuais foram vist@s por muito tempo no cinema - o vilão/vilã e o depravado/depravada -, e o quanto foram e ainda são ridicularizad@s nos programas humorísticos do rádio e televisão, e ainda hoje são nos programas televisivos de determinadas igrejas cristãs⁸.

De modo geral o preconceito está internalizado, em maior ou menor grau. A homofobia é oriunda da introjeção desses valores e dos conceitos negativos recebidos desde criança pela família, religião, mídia, escola, etc. Conceitos que estão gravados no inconsciente da sociedade homo e heterossexual. Nesse sentido, todas as pessoas trazem um ‘pré-conceito’ em relação à homossexualidade e ele é tão forte, está tão introjetado que mesmo @ homossexual que se assume e diz se aceitar, passa por um longo processo de aceitação de si mesmo, um processo parecido com o que acontece com os pais, amigos, e pelo qual está passando a sociedade contemporânea que se depara com @ homossexual se mostrando, e exigindo ser aceit@ como cidadão/ cidadã complet@. Aceitar @ outr@,

⁷ Prática de relação sexual entre pessoas iguais, ou seja, do mesmo sexo.

⁸ O Pastor Malafaia constantemente em seu programa agride violentamente os homossexuais.

diferente de si próprio, aquele@ que foge aos padrões impostos pela maioria dominante é um processo contrário ao que culturalmente foi criado sobre a homossexualidade e repetido por séculos, portanto muito difícil.

Para combater a homofobia é muito importante levar ao maior número de pessoas: o conhecimento das novas pesquisas, as resoluções dos conselhos de medicina, psicologia, etc, os testemunhos da população LGBT e o de suas famílias sobre o assunto, a elaboração de leis de proteção, além de fomentar uma educação maciça de respeito e inclusão, mas todas essas ações ainda não são suficientes. Existem fatores subjetivos que interferem diretamente no ser humano impedindo-o de visualizar o outro como diferente de si mesmo, e totalmente alteridade. Fatores que talvez possam explicar a reação forte de um grande número de pessoas que sempre encontram justificativas para não aceitar: 1. as novas descobertas científicas, justificando sua negação em nome de uma exigência de comprovação científica em 100%, embora saiba que está lidando com a complexidade do ser humano; 2. as atuais hermenêuticas bíblicas, buscando uma acusação nos textos bíblicos, apesar de conhecer que já existam exegeses e hermenêuticas bíblicas que trazem outras interpretações sobre o assunto; 3. os pareceres dos conselhos de medicina, psicologia, etc baseando sua negativa em explicações médicas e psicanalíticas dadas no século XIX e hoje já rejeitadas por grande parte dos especialistas; 4. ou ainda em nome das famílias e da sociedade em prol dos bons costumes, alegando que a homossexualidade acabará com as famílias heterossexuais, apesar das pesquisas mostrarem que 10 % da população são LGBT, e tod@s são oriund@s de famílias heterossexuais.

Suzin e Lévinas:

Ao estudar o preconceito e a discriminação em relação aos/às homossexuais, comecei a encontrar fortes semelhanças com o preconceito e a discriminação que outros grupos sofrem. Isto me levou a analisar também a discriminação voltada à mulher, e ao negro, encontrando um ponto comum não só entre este três (mulher, negr@ e homossexual), mas com outros grupos de pessoas que sofrem ou sofreram discriminação na história: o judeu/ a judia, pessoas com necessidades especiais, pessoas obesas, e uma muito atual, a religião diferente da qual a pessoa pratica.

Para entender os fatores subjetivos que interferem em uma pessoa de modo a impedir que ela ‘aceite a alteridade’, eu fui buscar no pensamento filosófico de Emmanuel Lévinas⁹ uma explicação para o preconceito e a discriminação, procurando ainda vislumbrar alguma possibilidade de transformação. Ao ler o livro de Luis Carlos Suzin, encontrei uma sistematização do pensamento de Lévinas que me ajudou na compreensão de sua antropologia filosófica, e através das reflexões teológicas de Suzin me atrevi a fazer a transposição do pensamento deste filósofo para a teologia, e para o tema da discriminação, acreditando encontrar as minhas respostas, e ainda percebendo uma enorme possibilidade de mudança na sociedade através da ética levinasiana, ou seja, da ‘ética da alteridade’. Ética’ que está ligada a ‘vocação transcendental do ser humano’.

O homem¹⁰ vem ao ser, relaciona-se e separa-se no ser, domina ou sofre o ser, mas o ser não cont m o homem.   para além do ser, na rela o ao bem e ao infinito, como criatura pensada e eleita, nomeada e chamada   existência para uma missão que comporta ser e agir, mas também doar e imolar o ser, obra de paciência, que se descortina uma voca o para o homem. Esta ultrapassagem do ser na voca o   possibilitada ao homem porque o homem   rela o ao outro: a subjetividade   pensada na rela o   alteridade – o outro homem e Deus. Assim também a finitude e a dramaticidade do homem são pensadas na rela o ao infinito e aos desígnios do bem. (SUSIN, 1984, p. 13)

Em cima dessa linha de raciocínio procurarei explicar a trajetória da subjetividade no reino do ser, e diante do ‘outro’ transformando-se pela ‘ tica’ entrando no ‘reino do bem’, passado “do para eu mesmo em para o outro”.

Os reinos do ser e do Bem:

No pensamento levinasiano a ‘subjetividade’ tem grande importância, pois   ela que vai determinar as rela es entre as pessoas, e torna possível quebrar a totalidade do ser voltado para si mesmo, através da vivência da ‘ tica’, pois segundo Lévinas “a subjetividade   fundada na idéia do infinito”. (LÉVINAS, 2008, p. 12)

⁹ Filósofo cujo pensamento propõe a ‘ tica da alteridade,’ e como judeu sofreu e viu sofrer os horrores da discrimina o aos judeus, nos campos de concentra o, na Segunda Guerra Mundial.

¹⁰ Apesar de procurarmos fazer sempre a diferencia o entre ‘homem e mulher’ neste artigo, Lévinas e Susin usam a palavra ‘homem’ referindo-se aos dois sexos, generalizando. Sempre que pudermos, faremos a distin o, ou usaremos ‘humano’, ‘ser’, ‘ser humano’, ‘indivíduo’, ‘sujeito’, ‘pessoa’, etc, mas quando estiver em cita o conservaremos como tal.

De acordo com Susin, na antropologia de Lévinas existem dois reinos. O primeiro, ‘o reino do ser’, onde o ‘ser’ torna-se soberano e dá a última palavra, como princípio e ultimidade. “Um reino que abarca todos os horizontes (o mal e o bem), e depois, o reino do Bem, que se estende para além dos horizontes do ser, ao firmamento, ao infinito”. (IDEM. Ibidem, p. 15)

O reino do ser

De acordo com Lévinas, o ser vem ao mundo do ‘ser’ e sai de si mesmo indo ao mundo em busca da sua própria felicidade, e esta busca é o seu ‘principal objetivo. O ‘eu’ vai ao mundo e sempre volta para si mesmo. Na saída do ser de si mesmo a subjetividade tem dificuldade de reconhecer a ‘alteridade’, pois se encontra totalmente voltada para si na busca da ‘afirmação da sua identidade’. Dessa forma o ‘eu’ não reconhece a alteridade, e procura reduzir sempre o ‘outro’ a ‘si mesmo’, ‘a um igual’, ‘a um mesmo’.

Para impedir que o ‘eu’ faça essa redução e possa haver economia¹¹, existem regras de mediação no ‘mundo do ser’ que resguardam um ‘ser’ do ‘outro’ para se poder realizar o intercâmbio. Essas mediações são as leis de economia, organizadas pelo Estado que visam harmonizar os inúmeros eu’s.

Segundo Lévinas, o ‘eu’ é sempre o fundamento e a origem do processo de identificação do ser e permanece o tempo todo sem se modificar. O mundo, incluindo espaço e tempo, através do prazer, da posse e do conhecimento, é a casa do ‘ser’, entretanto não resiste ao poder de identificação do ‘eu’, e não forma com ele uma totalidade. O que temos no fim é sempre o ‘Mesmo’. Na representação dos objetos o ‘eu’ deixa de ser antagônico aos objetos, e sobressai a identidade do ‘eu’ diante da multiplicidade de objetos, mantendo o ‘eu’ inalterável. Para Lévinas, isto é a concretização do egoísmo.

O processo de identificação acontece nesse processo de saída ao mundo exterior e retorno a si pelo ‘eu’. A identidade do ‘eu’ toma todo o espaço e não dá possibilidade ao novo de se manifestar, e o ‘outro’ é percebido apenas para ser transformado no Mesmo, ou subjugado ao Mesmo. O interesse no ‘outro’ está apenas em sua tematização para representá-lo conceitualmente. A ligação ‘fundamento-princípio-identidade’ e ‘ser-para-si’ trazem toda a experiência do ser para o ‘eu’, sendo este o critério de sentido para qualquer

¹¹ Relação com outras pessoas onde se faça trocas, negociações que sejam do interesse dos dois, beneficiem aos dois, e não só a própria pessoa.

experiência. Este critério permanece até mesmo através da ‘crítica’ e da ‘autocrítica’. O ‘eu’ está sempre em busca da sua identificação, e nem mesmo o saber, a crítica e a autocrítica conseguem, no mundo do ser, modificar o seu objetivo. A transformação do ‘outro no Mesmo’, é sempre o objetivo do ‘eu’ quando retorna para si. Mas quando a redução do ‘outro para o mesmo’ não consegue ser feita, o ‘outro’ pode se apresentar como uma ameaça por colocar em risco a afirmação da identidade do ser.

É exatamente isso que ocorre em relação ao preconceito e discriminação com a mulher, @ negro, e @ homossexual, e os demais. Eles são as ‘alteridades’ não reconhecidas pelo ‘eu’. Pertencem a grupos que diferem do padrão paradigmático ocidental de ‘homem branco, provedor, viril, reprodutor, cristão, heterossexual’, sendo vistos, então, como inferiores e por isso suas alteridades são rejeitadas, e vem à tentativa de reduzi-los a si mesmo.

Devido às normas trazidas pelos mediadores sociais, o ‘ser’ pode até conseguir conviver com o diferente, obedecendo às normas e com a repressão e controle dos atos discriminatórios, embora estes existam pela negação ao outro. Porém, ao sentir-se ameaçado pela alteridade que não aceita no ‘outro’, o ser pode ultrapassar os mediadores e procurar anular ou excluir o diferente através de atos ‘discriminatórios’ abertos e objetivos, podendo chegar à extrema violência e até a morte. Como exemplo cito a morte de homossexuais feita por grupos de extermínio, principalmente às travestis.

Anteriormente vimos que para a psicologia social a sociedade está em um processo de aceitação em relação à mulher, @o negr@, e @o homossexual. Um processo demorado porque as imagens negativas estão interiorizadas, e se levará um tempo não muito curto para trocar essas imagens por outras positivas. Para Lévinas, este processo de aceitação só acontece pela ‘ética’, quando o ‘outro’ que vem de fora se desvela e ao chocar provoca um questionamento que pode desencadear um desejo ético metafísico, levando o ‘eu’ a inverter ou converter a sua trajetória, saindo de ‘si mesmo’ para o ‘outro’.

Segundo Lévinas, a mulher na casa, no relacionamento familiar é aquela que se apresenta com alteridade total, por isso mesmo importantíssima na relação familiar. No entanto, a história da humanidade nos mostra que de modo geral, a mulher sempre foi anulada, ou transformada ‘num mesmo’ pelo marido e em situações mais graves,

‘eliminada’. Não era reconhecida como alteridade, e mesmo, na atualidade, quando ela conquista o mundo fora de casa, a violência em casa persiste, pois embora já existam leis que a protejam, os maridos continuam a vê-la como seres inferiores que lhe devem obediência, donos de sua propriedade, e quando estas resistem às tentativas de se tornarem ‘um nada’, sofrem todo tipo de violência, chegando muitas vezes à morte.

@ mesmo acontece com o homossexual. Na história da humanidade sempre foi considerado frac@, inferior, diferente, diante do modelo paradigmático do homem branco, heterossexual, viril, forte, e provedor. Depois, el@ passou a ser pecador@, inimig@ da igreja e da sociedade, mais tarde, doente, pervertid@, e até hoje, apesar de toda luta, conquista, e o reconhecimento das ciências, ainda não é considerad@ por um parte considerável da população dentro dos padrões de ‘normalidade’, e no Brasil não possui 37 dos direitos dados @o cidad@o heterossexual.

Como vemos, a reação ao diferente de si mesmo é sempre muito forte, e nem o ‘conhecimento’, o ‘saber’ através da ‘crítica’ e da ‘autocrítica’ consegue transformar o ‘ser’ porque são elementos do ‘mundo do ser’ e não trazem modificação.

Pelos motivos acima apresentados vemos que com todo conhecimento que, hoje, se possui sobre estes grupos e outros, capaz de desfazer as questões relativas à diferença que lhes consideravam inferior, sempre existirão pessoas, inclusive cientistas, que irão contestar, não conseguindo modificar sua visão de inferioridade. E percebemos a dificuldade de diminuir o preconceito e a discriminação na sociedade ocidental.

Até mesmo os ‘intermediários’ que surgiram pela necessidade de agirem em defesa dos cidadãos e administrar em prol dos interesses comuns da sociedade, consideram os grupos que diferem do padrão ideal ou paradigmático, uma ameaça. Os critérios que esses intermediários usam para medir o indivíduo são externos, universais e racionais, não havendo lugar para singularidades, nem para minorias. Junte-se às causas, o desejo de dominação. Desejo, muitas vezes, inócuo, frágil, cujo sentido com o tempo pode ser até apagado, mas que acompanham pessoas (particular) e mediadores (universais). Uma instituição, por exemplo, para não perder o domínio sobre os seus membros coloca toda a justificativa em cima de uma questão que já não faz sentido para os nossos dias, mas ela insiste porque por trás de toda justificativa está o ‘desejo de dominação’ e embora os

mediadores tenham a função de harmonizar as autonomias, as medidas empregadas para combater a violência podem se expandir e gerar ‘o autoritarismo’, ‘a intransigência’, os atos ‘ditatoriais’ dos órgãos institucionais. Junto com os mediadores oriundos do Estado, podemos colocar todos que buscam hegemonia no pensamento. Neste caso cito a religião cristã que caminhou junto com o Estado por muito tempo, e ainda hoje, no Brasil, por exemplo, apesar da separação existente ‘estado e religião’, as igrejas cristãs¹² continuam a lutar para que as leis e políticas públicas feitas pelo governo estejam de acordo com a moral oficial cristã estabelecida pelas igrejas.¹³

Diante desta sociedade tão violenta, deste humano antropologicamente fechado, voltado para si, Lévinas nos mostra que para transformá-lo em ‘diferente do ser’, em ‘melhor que ser’ só existe um caminho: a ética, pois esta abrange o ‘ser-para-além-do-ser’. Só a ética é capaz de juntar o relacionamento social e o relacionamento religioso, sem ideologia ou mito, e sem verdades universais, totalizadoras, mas transformando o ser humano em um adulto sociável e religioso.

O reino do Bem

O Ser-para-o-outro é um caminho que vai na ‘contra corrente’ do ‘eu’. O ‘para’ muda de direção, como se fosse um novo nascimento, saindo do ‘para si’ e transformando-se em ‘para o outro’. Um modo de ser que ocorre pela “consciência moral, linguagem moral, conhecimento moral, pensamento moral, diaconia, bondade e justiça, nas quais fica inteiramente convertido todo o ser anterior. Pois ser moralmente é ser justificado”. (IDEM. Ibidem, p.258)

Para Lévinas a ‘ética’ é mais ampla que a ontologia, seu sentido é anterior ao ‘ser’, e está ligado a ‘bondade’, pela qual vale a pena ‘ser’ e sacrificar o ‘ser’. A ‘ética’ não está relacionada com ‘o bem e o mal’, tampouco à ordem de valores. Trata-se de uma ‘relação interpessoal fundacional’.

Diante do face a face, do choque ocasionado pela alteridade, o ser pode: rejeitar a alteridade, não transcendendo e continuando a ser um vivente. Pode ser até culto, bonito,

¹² Os representantes da Igreja Católica e da bancada evangélica no Congresso e Senado.

¹³ É o caso de algumas leis que envolvem a população LGBT e como as igrejas não admitem em suas doutrinas, as leis encontram sérias dificuldades de serem promulgadas.

mas sem se humanizar, permanecendo cheio de preconceito, atos discriminatórios que podem conter forte violência. Mas se a consciência' diante do 'outro' totalmente diferente de si começar a questionar, desconfiada do seu comportamento, pode surgir o processo de inversão do 'eu' de 'si para o outro' levando o ser a transcender, humanizando-se pelo desejo metafísico e levando o ser a despertar para um vida voltada para o 'outro'. Uma vida para a qual fomos 'eleitos' e 'criados' pelo 'Outro'¹⁴ antes de nos tornarmos 'ser'.

Na explosão causada pelo 'Outro', Lévinas diz que a ética não é uma etapa, e sim uma revolução que acontece no ser. A subjetividade desperta para o modo 'um para o outro', onde o ser humano descobre ter sido eleito e assignado pelo Infinito antes de ter se tornado 'ser', o que lhe proporciona uma responsabilidade assimétrica que aumenta cada dia em relação ao 'outro. Responsabilidade que o leva a viver ligado não mais à sincronia do tempo, mas à diacronia, experienciando a dimensão da fraternidade nas obras da paciência 'expição e substituição', tornando-se servo sofredor, um Subjectum universal, vivendo por todos e para todos.

O Subjectum dá testemunho de suas ações e como profeta clama pela justiça, sendo profeta do Infinito, buscando a justiça para o 'outro' e o 'terceiro', sentindo-se parte de uma grande família universal, onde cada pessoa é importante. Onde é preciso não só perdoar, mas fazer justiça, eliminando o mal que se faz ao 'terceiro', e transformando cada ser humano, inclusive a si próprio, e os mediadores da sociedade, entre outros, o estado, as instituições, e a religião, realizando numa revolução constante através de medidas de justiça que partam da 'singularidade para a universalidade', a fim de que seja possível haver 'paz' na 'pluralidade' e o respeito pela singularidade de cada pessoa.

Aconselhamento pastoral

Após conhecer a ética da alteridade de Lévinas, vejo nela, apesar das diferenças existentes, uma grande identidade com o cristianismo, principalmente na semelhança com a praxis de Jesus, e no seu amor incondicional ao 'outro'. Dessa forma,

¹⁴ O 'Outro', Infinito, que se refere a Deus, usarei com letra maiúscula, quando se tratar do 'outro' ser humano, colocarei com letra minúscula. Entretanto, o próprio Lévinas diz existir uma 'equivocidade' entre os dois, cuja diferença só consegue ser vista no mundo do Bem. Esta 'equivocidade' aparecerá também em nosso texto.

diante dos problemas que anteriormente coloquei sobre as igrejas cristãs e a diversidade sexual, principalmente no que se refere ao aconselhamento pastoral, acredito que somente uma experiência de ‘reconstrução da identidade como ética’ poderia trazer a transformação necessária. Uma experiência que viria em forma de um projeto de evangelização,

Um projeto de evangelização de transformação ética em que @ mediador@ seria uma igreja cristã.

Nessa igreja seus líderes entrariam em concordância para, independente de suas crenças científicas e religiosas sobre a homossexualidade, visassem o respeito, a aceitação do ‘outro’ e do ‘terceiro’ na sua singularidade porque é o ‘próximo’, e amado por Deus como é. Baseado nesta certeza do amor de Deus, o responsável estaria disposto a vivenciar uma experiência junto com os seus colegas pastores, ou padres, e demais líderes religiosos.

Nessa experiência participariam algumas pessoas da comunidade convidadas que pertencem aos grupos aqui denominados, tais como: mulheres, negros, homossexuais, que se juntariam aos outros.

Por alguns meses essas pessoas se reuniriam aos fins de semana, ou durante 1 tarde na semana para: 1. receber informações científicas, jurídicas, e religiosas (baseadas nas novas hermenêuticas bíblicas) que envolvessem o tema de violência à mulher, ao negro, ao homossexual, e outros. 2. Partilhariam vivências e experiências pessoais de cada pessoa do grupo sobre discriminação. 3. Leriam e refletiriam passagens bíblicas ligadas ao ‘amor incondicional de Deus’ e vivenciaríamos essas passagens na singularidade de seus membros. Cada um ficaria responsável pelo ‘outro’ que está a sua frente e cada um precisaria perceber a importância de não fugir à responsabilidade do irmão, como fez Caim. Sentir a responsabilidade pelo ‘outro’, se comprometendo como o Samaritano, de cuidar de quem está a sua frente. Uma responsabilidade proveniente do amor de Deus que o escolheu, e lhe deu a graça de poder participar do reino de Deus. 4. Proporcionar experiências que levassem as pessoas perceberem que fazemos parte de um corpo, o corpo de Cristo, no qual cada membro tem a sua importância e função. Se um faltar, ou adoecer, ou for magoado, todos sofrerão. 5. Através de passagens bíblicas voltadas para o ‘amor ao próximo’ como ‘responsabilidade pelo outro’, junto com outras leituras de textos preparados para o mesmo propósito, o grupo iria refletir e experienciar o ‘outro’ diferente, fosse el@ negr@, branc@,

mulher, homem, criança, idos@, homossexual, deficiente, especial, gord@, magr@, pobre, ric@, crist@o de outra denominação, judeu/dia, muçulman@, budista, etc. Trabalhar de modo que como grupo e pessoa possam perceber que diante de Cristo, somos amados exatamente como somos, e precisamos respeitar, aceitar e amar o absolutamente ‘outro’.

Só através de uma experiência onde se possa vivenciar a ética da alteridade, juntando o conhecimento com o experimentar estar diante do outro, totalmente diferente, e exercitar a escuta e a singularidade, partindo do aprendizado do ‘outro’, é que se poderá pela ética, já assumida antes de nos tornar ‘ser’, pela eleição do Infinito, aceitar e incluir o outro diferente, levando-@ a sentir-se amad@, respeitad@, e resguardad@ em seus direitos como todos @s demais. A partir daí, poderemos ter experiências na comunidade calcadas no ‘amor incondicional de Deus’, e um aconselhamento pastoral que vise o ‘outro’, e naquel@ a que se vai orientar saibamos estar ‘Jesus’, pois para ele, todos nós somos membros da família universal na qual:

“Já não há judeu nem grego; não há servo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo.”¹⁵

¹⁵ BÍBLIA. Gl 3, 28.

